A impotência da vida perante a fatalidade da morte

Esta história passa-se no Alentejo, naquele Alentejo profundo que poucos conhecem, aquele que se enraiza no nosso ser, que molda a nossa personalidade e que nos torna pessoas diferentes. Reconhecemos um conterrâneo nosso pelo olhar, pela voz e, sobretudo, pela forma como encara a vida.

Nesse Alentejo, o alentejo da nossa história, estava uma noite abafada, um daqueles momentos em que o silêncio se mistura com os sons da natureza, com o murmurar dos séculos, com a cal das paredes, com o agitar das searas… Quando estão noites quentes no Alentejo todos nos recordamos das brincadeiras de criança, dos jogos à porta de casa, quando as crianças ainda tinham liberdade para serem crianças, dos amores da adolescência, das conversas que se têm até horas entradas da madrugada, dos amores na Mata… Há todo um viver nas noites do Alentejo porque o calor afasta-nos de casa, porque o calor tira-nos a vontade de dormir, porque o calor aquece-nos o coração e sentimos que tudo é possível, que fomos abandonados neste cantinho e que fomos deixados à nossa mercê.

E depois há o cheiro, um cheiro que se entranha em nós e que mesmo a kilómetros de distância, não conseguimos apagar. O cheiro das árvores roxas que pulam os muros dos quintais e perfumam as noites dos jovens que por ali passeiam, o cheiro da piscina municipal, o cheiro da relva molhada que só a mata sabe produzir… Existem cheiros tão familiares que os conseguimos reconhecer em qualquer parte do mundo, cheiros que não vêm em frascos, não se vendem nas melhores perfumarias mas que nos fazem sentir bem por dentro, fazem-nos… Viver.

A nossa história teve como pano de fundo uma típica noite de verão, uma de entre tantas outras… Entre um passeio pela calçada antiga e o cheiro a calor, algo horrível

aconteceu, ali, naquele bocado de terra esquecida pelos Deuses, erguida pelos homens… Naquele lugar onde reinava a calma, surgiu, numa noite que se imaginava perfeita, o horror da *specimen* humana.

O ar tinha-se tornado, de repente, mais respirável. Aquela pressão que magoava os seus pulmões sempre que ela respirava, deixou de ter existência e, sem se dar conta, ainda dormindo, o seu coração deixou de se esforçar para viver. Sempre tinha existido entre os dois mundos, apesar do seu coração não ceder ao cansaço e teimar em bater, a cor branca que a cobria, e deixava à vista um mapa de canais débeis, transparecia a existência fantasma que levava.

Quando era ainda uma criança, e após ouvir imensas vezes o temor velado e rezado em tom de missa dos pais que desaparecesse, deixou-se cair na seara molhada dum dia de Outono, esperando que a chuva a fizesse desaparecer. Após inúmeras horas e vários tons de roxo, encontraram-na. O corpo era a representação do horror, no entanto, contrariando todas as estatísticas, o branco voltou à sua face e, nesse dia, descobriu que nem no mundo dos mortos era bem vinda.

"Isso é tão fácil como respirar", tal frase, usada pelas massas quotidianamente, nunca se encaixou na sua vida e sempre pensou que, se algum dia a utilizasse, seria para demonstrar algo difícil, sobre-humano…Impossível!

A primeira lembrança que guardava na sua mente era duma pequena máquina que teimava em tornar público, para um auditório de alunos de Medicina irrequietos e egocêntricos, o bater "avariado" do seu coração. Seguiram-se dias de choro, visitas de padres e freiras (e restantes hierarquias eclesiásticas), flores de familiares… Um ritual que cheirava, tresandava, a morte, a fim. Era aquele coração avariado, um defeito de fabrico, que enchia o peito da mãe de culpa e os olhos do pai de lágrimas. Filha única, à

nascença tinham sido depositadas nela todas as esperanças deste mundo, todos os sonhos dos pais… Ela seria diferente! Contudo, eles nunca pensaram que o seu pedido fosse levado tão à risca.

Até que um dia o médico, o dos óculos grossos de massa, deu a boa-nova da possibilidade duma vida relativamente normal. A notícia foi recebida com desconfiança e, ainda que ela se esforçasse, não conseguiu descortinar nenhuma mudança no semblante dos familiares. Ela concentrou-se na palavra *normal*, os restantes tornaram-se obsessivos com a palavra *relativamente*. A sua vida iria ser sempre assim, olhar para o lado errado da questão…

O regresso a casa fez-se em passo de procissão e o coração nunca deixou de bater nesse ritmo, um 2/4.

As suas feições relaxaram e o suor, que teimava em habitar a sua testa enrugada, desapareceu. Tudo isto aconteceu de forma tão natural que o corpo não estranhou, agradeceu o descanso. O cansaço daqueles cinquenta anos de existência sofrida desapareceu.

Quando completou vinte anos de vida – número que pessoa alguma acreditva que ela atingisse – decidiu ser normal por uma noite, presenteou-se com uma ida ao cinema! Interessante como os pequenos prazeres que sentimos no nosso dia-a-dia podem significar, para outros seres, o mais extraordinário dos presentes.

Desde cedo que as grandes emoções destinadas ao ser-humano lhe tinham sido vedadas e, na maioria dos casos, ela nem sentia falta, afinal como podemos sentir falta do que não tivemos? Contudo, um dia ouviu duas raparigas conversando acerca dum filme, da beleza do actor principal, do entusiasmante que era a história e, nesse dia, sentiu falta de tudo o que o Mundo tem para oferecer para além das quatro paredes de um hospital,

dum quarto, todo esse mundo que lhe tinha sido vedado depois do bum-bum da máquina ter declarado a sua sentença de morte, num corpo que teimava em viver.

Teve a sua primeira viagem de comboio e sentiu-se passageira do Expresso do Oriente. Deixou-se deslumbrar pela cidade, pelas ruas tumultuosas, pelos cheiros desconhecidos ao seu olfacto, tudo lhe parecia demasiado inverossímvel para ser real. Era esta a vida dos comuns mortais, era este o Mundo que podiam conhecer e adorar.

Porém, a grande surpresa da sua vida chegou pelo rosto do actor principal. Aqueles rostos, maquinalmente manipulados para transmitirem emoções, marcaram-na e tornaram-na numa crente. Num dia a sua vida mudou…Mergulhou naquele mundo e, quando finalmente sentia que estava a viver, uma dor fulminante atacou o corpo frágil e sentiu que não havia chão suficiente onde pousar esse conjunto mal organizado de ossos, órgãos e pele.

Nessa noite, ao som da ambulância, descobriu que não tinha vindo a este mundo para ser feliz e sempre que ousasse esquecer tal princípio, o mundo iria relembrá-la… Da pior maneira possível!

Nunca foi uma imagem prazenteira, como o são a maioria dos seres-humanos concebidos para encantar. Sempre que a sua imagem se reflectia no espelho sobressaíam as rugas, estradas calcadas pelo sofrimento, que tornavam visíveis os sofrimentos duma vida, aqueles sofrimentos que talham caracteres e destrõem sonhos. Nunca foi uma rapariga bonita, nem quando a idade o devia permitir. Nunca causou tumulto numa grande multidão, nem nunca teve o seu espírito pautado por uma energia tão pura que a tornasse irresistível. A sua existência era quase inexistente e sentia-se como uma mercadoria frágil, fechada para o mundo e demasiado "quebrável" para esta realidade.

Os seus olhos permitiam a entrada naquele mundo de dor. Primeiro, um trabalho rotineiro numa fábrica que lhe sugava a felicidade e a saúde. O barulho constante das máquinas que apenas reforçava o vazio da sua existência e constância dos seus dias.

Herdou o posto da mãe na velha fábrica de moagem da vila. Ponto de encontro de gerações, balão de sobrevivência para umas gentes esquecidas na aridez do campo, no calor do deserto. As conversas eram de miséria e pretendiam comover um patrão demasiadamente focado no lucro para se aperceber que este cheirava a exploração, fome e desigualdade. Eram gentes caladas e tementes, como o são sempre as pessoas que alimentam os patrões opressores.

Aquele trabalho, tão minuciosamente repetitivo, tornava-a, só e apenas, em mais uma roldana, um parafuso.

No trabalho não tinha amigos e a sua timidez fez com que, ao longo dos tempos, as cordas vocais se tornassem peças sem utilização, mal oleadas e cheias de ferrugem. Na pequena vila ninguém a estranhava, aquelas gentes sabem como a dor pode mudar uma pessoa e entre o calor, que queimava em exagero a pele leitosa, o coração, que teimava em falhar o ritmo, e uma família que a tinha abandonado porque a morte levou a melhor, ninguém exigia que ela falasse. Temiam que no dia em que o fizesse, esgotasse as suas forças e morresse. Ninguém queria ser acusado de homícidio.

Depois do trabalho, percorria a vila a pé e chegava a casa, uma casa vazia para a qual voltava apenas para descansar e ler. Desde cedo alimentou a tristeza com livros. Aquelas vidas pautadas por amores impossíveis, beijos roubadas na calada da noite, heroínas que desafiavam a própria lei universal, todas essas aventuras viviam dentro dela e nas páginas dos livros encontrava as palavras que sempre lhe tinham faltado.

Era a única habitante que conhecia o espólio completo da Biblioteca Municipal e quando um dia, num ataque de misericórdia, o prior da localidade, homem de cultura vasta, praticante do latim - mesmo depois da oficialização da certidão de óbito do mesmo - lhe mostrou a sua colecção privada, teve que respirar fundo para não deixar o coração parar. Apresentava-se diante da sua vista um mundo de livros religiosos e uma secção escondida. Irremediavelmente, todos somos pecadores e a forma como o admitimos revela o nosso carácter. O prior pecava através dos livros…

Quando ela descobriu que havia um sem-fim de livros que não conhecia, a sua face branca foi inundada por um rubor que levou a que se sentasse para não desmaiar. Nesse momento, acreditando no castigo divino, o prior, ao vê-la tremer e quase sucumbir fisicamente à emoção, rezou dois pai-nossos e prometeu doar os livros do pecado – a remissão dos pecados de um ser, é a alegria de viver de outro.

Sempre leu compulsivamente, alimentava-se de livros e relia as frases de que mais gostava, tentando preservá-las para sempre na sua mente. Por vezes, sonhava que saía declamando poemas pelas ruas da pequena vila; iriam declará-la louca, atribuir-lhe uma prisão física e ela iria rir perante a ignorância daqueles que a crucificavam por não conseguirem distinguir os versos heróicos de Camões do amor versado de Neruda.

Nas folhas dos livros, algumas amarelas do tempo ou bolorentas dos invernos rigorosos, naquelas linhas, vírgulas e pontos, estavam os seus amigos, os mundos que não conhecia e a possibilidade de, ainda que momentaneamente, ser feliz.

Quando a mãe ainda era viva (“Deus lhe tenha a alminha em descanso”), criticava esta sua obsessão. Acreditava que os livros eram obras do demo. Qualquer instrumento que incutisse esperança àquela vida, era coisa proibida e maléfica. “Afinal, que esperança pode haver para um bum-bum avariado?!”, “Para quê mostrar-lhe algo que ela nunca

poderá ter?", dizia a mãe exaltada. A mãe queria tanto que ela vivesse que não percebia que aqueles livros ajudavam-na mais do que os senhores de bata branca ou os baguinhos que ela comprava na farmácia ("Dois de manhã, dois à tarde e dois à noite. Não se esqueça, D.Luísa, um esquecimento seu pode ser fatal", "Não se preocupe, Sr. Doctor, a minha vida é encaminhada pela toma dos baguinhos"). A mãe confiava na Medicina, nas ciências exactas e naqueles baguinhos que vinham da capital. Ela confiava nas palavras, nos pedaços de papel que lia e que lhe faziam sorrir e sonhar.

Com o passar do tempo foram sendo eles o motivo do seu alheamento, já nada a prendia a esta realidade, só os livros importavam. Apaixonou-se pelo Ega e pela sua loucura, quis ser a Dulcinea daquele Quixote tão bravo, quis ser a destinatária das cartas daquele Fernando Pessoa apaixonado, lutou pelo amor daquele Romeu que pulava as janelas abençoado pela noite e sonhou, noites sem fim, com o abraço do Primo Basílio. Às vezes, enquanto lia, imaginava que a sua vida era um livro e, numa noite de pesadelos, acordou sobressaltada ao descobrir a única coisa que pode levar um ser-humano à loucura, que não era a personagem principal do livro da sua vida… Esse papel estava, há muito, reservado para a maldita máquina do bum-bum-bum.

No entanto, a sua dor nunca lhe concedeu a subjectividade necessária para perceber que a sua vida era, efectivamente, digna de um livro, algo entre Kafka e Cervantes, cheia de ironia e desfechos imprevisíveis. Ela vivia alheia a tudo isto, como as boas personagens vivem e, por isso, naquela noite de verão, quando aquele senhor charmoso fez um comentário sobre o livro que ela, tranquilamente, lia no banco do jardim, ela não desconfiou e sentiu, até, que dali podia nascer uma bonita história. Talvez seja esse o mal dos leitores compulsivos, habituam-se a ver a vida como se esta fosse um livro, escolhem os adjectivos, imaginam a trama e elaboram um desfecho digno dum *best-seller* mundial.

O comentário proferido por ele, de forma amigável, à vilania da obra *Titus Andronicus* – que, concordemos, denotaria, aos olhos dum atento espectador, indícios de tragédia -, aos ouvidos daquela donzela desfasada no tempo, enganada na época, soaram a conhecimento, a empatia e, irremediavelmente, a gosto pelos livros.

Ele acompanhou-a até casa e ela sacrificou as cordas vocais, há muito esquecidas. Palavras saíam a custo mas repletas de esperança e promessas veladas de um amor. Caminharam e ela sentia que, pela primeira vez, o mundo se tinha esquecido da promessa há muito tempo feita. Ele era súbtil e ela apaixonou-se. Caminharam durante horas ao som daquele calor. Um calor como só o Alentejo sabe produzir, um calor que aproxima os corpos, um calor que embala os sonhos, um calor que apaga a ténue linha que separa a realidade da imaginação.

Com o tempo ele revelou-se possuidor duma cultura vasta, ela amou-o naquele instante. Amar com um coração de cinquenta anos, um músculo que nunca se expandiu, que nunca sofreu, revelou-se pior do que a doença diagnosticada pelos médicos, revelou-se mais… Fatal! Amar nunca é fácil, já diz o senso comum, imaginemos portanto um amor puro, revestido de ilusão e com a chama da idade, é quase humanamente impossível sobreviver a um sentimento assim.

Enquanto ele falava, as exactas palavras que ela queria ouvir, o seu coração aumentava o ritmo. Ela cedeu aos devaneios e imaginou as declarações, os encontros, os beijos roubados, o casamento, as rotinas, a casa a dois, todo um mundo demasiado perfeito para ser real, construído daquele material volátil de que são feitos os sonhos. Ela imaginou e ele deixou…

Jantaram e ele beijou-a. O primeiro beijo e o carinho feito às rugas dos cinquenta. O primeiro beijo e a certeza de que era amor… Para toda a vida! Ela falava e ele parecia

que a conhecia, sabia tudo sobre ela – tinha que ser o destino. A inocência que pautava a sua vida, aquela que ninguém destruiu, acabou por ser o seu fim.

Todos os seus gestos eram de amor até ela sentir a mão forte apertar o seu pescoço branco. Primeiro, a dúvida de quem não sabia reconhecer as manhas do amor, depois a certeza de que o amor não doía tanto assim. O seu corpo foi projectado e, ali, na casa dos livros e do silêncio, na casa dos heróis de cavalaria e dos românticos incuráveis, na casa da morte anunciada e eternamente adiada, ele magoou o corpo branco e infértil que nunca tinha conhecido o amor. As páginas dos livros foram manchadas e ela deixou de acreditar em princípes. Ele magoava-a e ela percebia que o mundo tinha descoberto a maneira final de a magoar. Eram mesmo páginas do demo; não há mundos encantados, heróis que nos salvam e palavras que nos beijam. Na vida real há vilões que nos matam pela calada da noite, cordas vocais que se partem e corações que fazem bum-bum de amor minutos antes de padecerem às mãos desse amor.

Depois da violência e do mundo quebrado, ele partiu; fechou a porta e deixou o sangue correndo. Ela ficou imóvel sobre a cama branca, representando a pureza de outros tempos. Ela sentiu o ritmo mudar e foi como se viajasse até à tarde debaixo da chuva. Deixou-se levar e recordou os campos onde passeava em criança, a igreja onde implorava ao Senhor por mais um dia de vida, as ruas esquecidas duma vila, que nunca tinha visto um horror daquela dimensão. Sorriu momentaneamente, pela primeira vez, iria ser o motivo do falatório matinal, o seu velório seria a desculpa para o encerro dos estabelecimentos e, acima de tudo, o seu nome iria ser pronunciado como o título de uma novela de cordelinho, daquela trágicas e românticas, bem ao estilo das do Senhor Prior. Sentiu que a sua vingança tinha chegado, agradeceu, silenciosamente, ao homem que a tinha posto assim, lembrou-se da sua cara e esboçou um sorriso no rosto marcado agora pelo sabor do amor. Minutos antes de morrer, declamou os poemas preferidos,

repetiu frases, dramatizou diálogos e chorou, como se chora quando nos anunciam a morte, como ela nunca chorou ao ouvir a máquina do bum-bum; chorou aquelas lágrimas que vertemos quando o primeiro amor acaba e julgamos que nunca mais iremos amar ninguém na nossa vida, chorou até secar por dentro.

E então, naquele momento, entre o amor que conheceu tarde demais e o cansaço que o corpo conhecia há demasiado tempo, deu o seu último suspiro e descobriu o quão fácil é abandonar um mundo onde sempre nos sentimos estranhos.